

BOLSAS		BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na sexta (em %)		Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na sexta	Comercial, venda, sexta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Onça Troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefixado, 31 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
-2,97	-1,21	19.607	0,87	30/abril 2,93	3,697	378,80	15,55	Dezembro/2003 0,52
São Paulo	Nova York	19.607	(▼2,91%)	03/maio 2,98	(▲0,82%)	(▼2,30%)		Janeiro/2004 0,76
		18.620		04/maio 2,97				Fevereiro/2004 0,61
				05/maio 2,95				Março/2004 0,47
				06/maio 3,00				Abril/2004 0,41

POLÍTICA ECONÔMICA

Economia - Brasil

09 MAI 2004

Esforço para garantir estabilidade econômica não surtiu o efeito esperado na produção. Crédito escasso e desânimo dos empresários em investir tornam a promessa de Lula cada vez mais distante

CORREIO BRAZILIENSE

A miragem do crescimento

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Quando assumiu o governo, há um ano, quatro meses e nove dias, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, era visto como o salvador da pátria. Afeito a promessas que mantiveram seus índices de popularidade nas alturas, Lula não se cansou de alardear que o povo seria brindado com um espetáculo anasiado há pelo menos 20 anos: o do crescimento econômico. Para isso, o governo precisaria de todo apoio da população para uma severa luta contra a inflação e a instabilidade econômica.

Hoje, batalha vencida, o que impera no país é um gosto amargo de ressaca. O esforço para pôr a casa em ordem não está se traduzindo em mais emprego e renda. O crescimento econômico é apenas uma miragem. "O país está amarrado. Da forma como as coisas estão hoje, dificilmente vamos obter os resultados esperados", alerta o economista Armando Castelar Pinheiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), órgão vinculado ao Ministério do Planejamento.

Ele sabe do que fala. Muitos dos demais pilares da sustentação do crescimento econômico estão ruindo. O apelo do presidente Lula para que os empresários voltassem a investir não foi atendido. O financiamento do consumo e da expansão produtiva continua escasso e caro. Para entornar o caldo, o país se depara com um fuga de investimentos estrangeiros por causa da alta dos juros nos Estados Unidos. E ainda pode ser afetado pela disparada dos preços do petróleo no mercado internacional.

Desânimo

A frustração com os rumos do país também está presente no mercado financeiro. "Muito do nervosismo dos investidores que empurrou os preços do dólar para a casa do R\$ 3 e jogou o risco Brasil para mais de 750 pontos, está associado ao fracasso da política macroeconômica do governo de pôr o país na rota do crescimento", destaca o vice-presidente da Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais, Carlos Antonio Magalhães.

Octávio de Barros, economista-chefe do Bradesco, o maior banco privado do país, complementa: "Os investidores agora só pensam naquilo: no crescimento do país". Tanta ansiedade é uma mostra de

que o governo não está mais conseguindo convencer ninguém de que todo o esforço feito até agora está valendo a pena.

Na avaliação do economista José Alexandre Scheinkman, professor da Universidade Princeton, nos Estados Unidos, um dos sé-

rios problemas que atravancam o crescimento é a falta de clareza do governo na definição dos rumos que quer dar ao país. "Os sinais emitidos são dúbios. Por isso, ninguém se sente confortável em investir no crescimento", diz.

A morosidade do governo para

fazer andar a agenda microeconômica, fundamental para reduzir a burocracia, fortalecer os marcos regulatórios e tornar mais ágil o Poder Judiciário também é apontada por Scheinkman como um dos obstáculos à retomada do crescimento.

Retorno certo

Carlos Mariani Bittencourt, presidente da Petroquímica da Bahia e da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim), é enfático: "Os empresários só estão se arriscando quando o retorno do investimento é certo, como no setor de adubos e fertilizantes". Com a agricultura em franca expansão, as fábricas não se intimidam em ampliar a produção. Sabem que vão ter para quem vender.

"Não há nada de novo em termos de investimentos nos setores químicos e petroquímicos, a não ser os projetos voltados para o segmento agrícola. Isso não é bom. Enquanto os empresários não se sentirem seguros, vão manter os projetos nas prateleiras. E isso

ocorre mesmo com as empresas capitalizadas, com dinheiro disponível para ampliar a produção", afirma.

O economista Gesner de Oliveira, sócio da Consultoria Tendências, vai além. "O que está faltando no Brasil é planejamento. Hoje, não é possível identificar quais são as prioridades do país e os passos executados", enfatiza. Para ele, o governo precisa correr contra o tempo. Se não for assim, acrescenta, é melhor esquecer as promessas de crescimento superior a 3% ao ano.

Um dos exemplos mais marcantes da falta de planejamento do governo, diz Oliveira, é o fato de o país ainda não ter um projeto para o setor de saneamento básico. "Todo mundo sabe que há demanda por saneamento. Mas os investidores se perguntam: como posso entrar nesse mercado se não há regras transparentes e sólidas?", afirma.

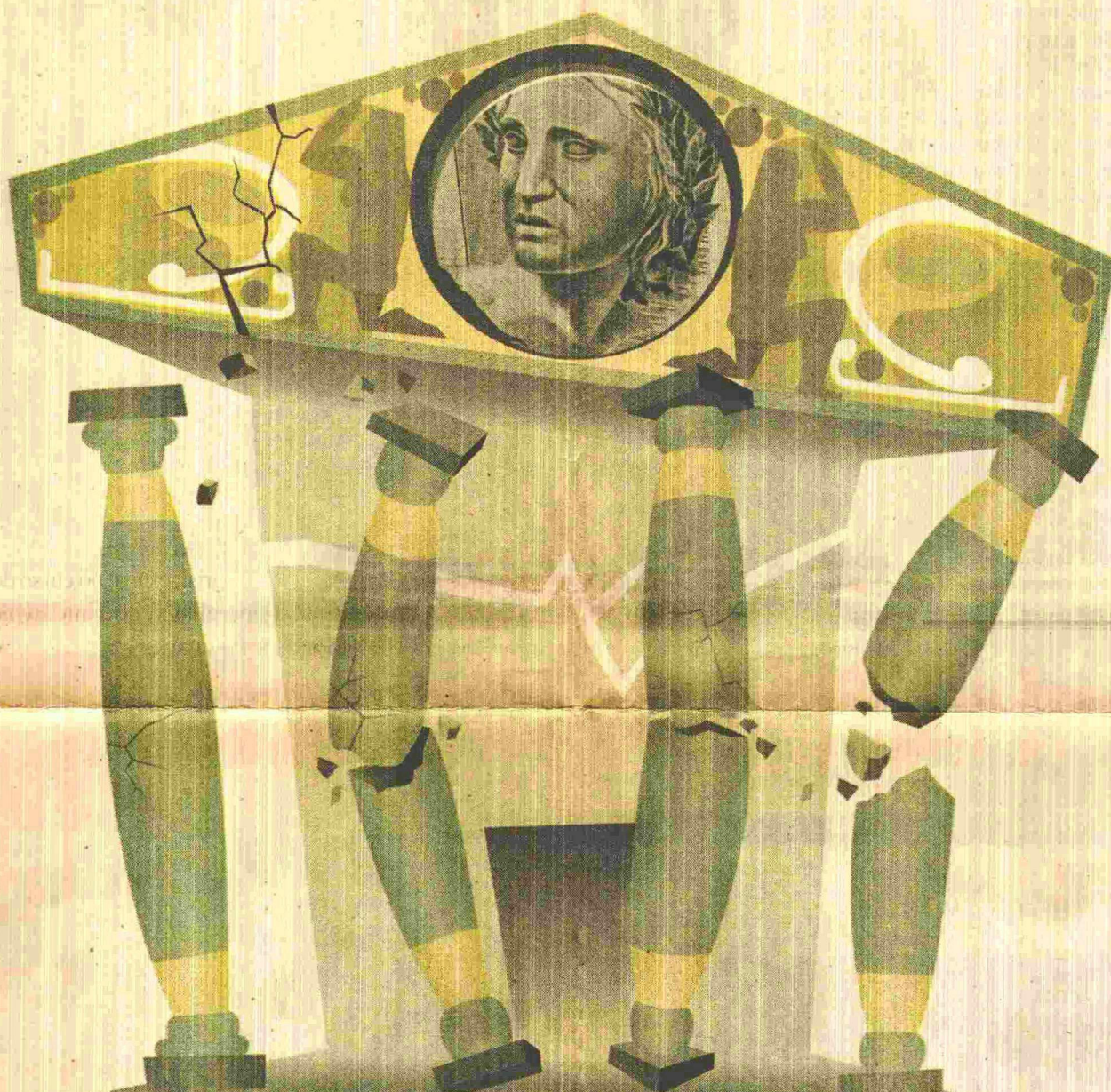
Questionamento como esse, no entender do economista, mostra que o governo está tendo uma postura complacente. "Se daqui a um ou dois anos ainda estivermos discutindo se é importante dar estabilidade às agências reguladoras, é melhor desistirmos. Vamos ser candidatos a lanterninhas do crescimento no mundo", sentencia.

Fim do túnel

Armando Pinheiro Castelar, do Ipea, reconhece que as amarras do crescimento vêm desde o final da década de 70 e se acentuou nos últimos anos. Mas, a seu ver, começou a aparecer uma luz no fim do túnel. Desde o último trimestre de 2003, a curva de investimentos começou a mudar, mesmo que lentamente. "Minha expectativa é a de que os níveis de investimentos, que estão abaixo de 18%, converjam para algo entre 19%, 20% do PIB, um nível ainda muito baixo para as necessidades do Brasil", prevê.

Mais cético, Fernando Barroso, diretor da Arbor Gestão de Recursos, diz que o ano de 2004, diante de tanta demora do governo para agir, será de crescimento técnico, até porque a base de comparação (em 2003, o PIB encolheu 0,2%) é muito baixa. Na sua opinião, a perspectiva de aumento dos juros americanos pelo Federal Reserve, o Banco Central dos Estados Unidos, já resultou em elevação das taxas em outras importantes economias, como a Inglaterra.

Com isso, acredita-se que Fed enterrou de vez o espetáculo do crescimento prometido por Lula. Como não tem poupança interna suficiente para crescer, o Brasil precisa de capitais externos para financiar a produção. O problema é que, com juros mais altos em economias menos arriscadas, o fluxo de investimentos para o país tende a se restringir.



PILARES COMEÇAM A RUIR

As expectativas frustradas

- Os fundos de pensão não têm o dinheiro disponível, ao contrário do que pensava o governo, para investir em setores estratégicos, como energia e transportes.
- Os investimentos estrangeiros diretos estão minguando. Neste ano, o fluxo deve representar menos de um terço do que o país recebia há cinco anos.
- A equipe econômica contava com forte liquidez internacional. Mas com a alta dos juros nos EUA, a migração de dinheiro para o Brasil diminuirá ainda mais.
- O governo prometeu definir marcos regulatórios para atrair investimentos. Nada avançou nesse área. No setor de saneamento sequer há um modelo.

Os problemas estruturais

- O volume de investimentos no Brasil é muito baixo, girando em torno de 18% do PIB. Empresários adiam investimentos, porque desemprego recorde e renda achatada inibem o consumo.
- O custo de capital (dinheiro) no país é muito alto. O Brasil tem a segunda mais alta taxa real de juros do mundo, logo atrás da Turquia.
- Não há mão-de-obra qualificada e a infra-estrutura do país é deficiente.
- Excesso de burocracia emperra tanto a abertura quanto o fechamento de negócios. No Canadá, uma pessoa abre seu negócio em dois dias; no Brasil, 63.
- A carga tributária é alta — aumentou dez pontos percentuais nos últimos dez anos, passando de 26% para 36% do PIB.

Arte: Lucas Pádua